# NICOLA YOON

## TUDO E

EDIÇÃO ESPECIAL COM FOTOS DO FILME



### O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida. Para meu marido, David Yoon, que me revelou meu coração.

*E para Penny, minha filha linda e inteligente, que o fez crescer.* 

"Eis o meu segredo. É muito simples: Só se vê bem com o coração. O essencial é invisível aos olhos."

- Antoine de Saint-Exupéry, O Pequeno Príncipe

## O QUARTO BRANCO

JÁ LI MUITO mais livros do que você. Não importa quantos você tenha lido. Eu li mais. Pode acreditar. Tempo é o que não me falta.

No meu quarto branco, encostados nas paredes brancas, nas reluzentes estantes brancas, os livros dão o único toque de cor ao cômodo. Todos têm capa dura e estão novinhos em folha – nada dessas brochuras de segunda mão cheias de germes. Eles vêm Lá de Fora, descontaminados e embalados a vácuo. Eu adoraria ver a máquina que faz isso. Imagino cada livro passando numa esteira branca e sendo levado a estações brancas e retangulares onde os braços de um robô o espanam, esfregam, borrifam e esterilizam até ficar limpo o bastante para vir parar nas minhas mãos. Quando chega um livro novo, minha primeira tarefa é retirá-lo da embalagem, processo que envolve uma tesoura e mais de uma unha quebrada. Depois, escrevo meu nome no verso da capa.

#### PERTENCE A: Madeline Whittier

Não sei por que faço isso. Não tem mais ninguém aqui além da minha mãe, que nunca lê, e da minha enfermeira, Carla, que não tem tempo para ler porque passa o tempo todo me observando respirar. Raramente recebo visitas, portanto não tenho a quem emprestar os livros. Não existe ninguém a quem eu precise lembrar que aquele livro esquecido em sua estante pertence a mim.

> RECOMPENSA PARA QUEM O ENCONTRAR (Marque todas as opções que se aplicarem):

De todas as etapas, esta é a que leva mais tempo, e para cada livro eu crio alternativas diferentes. Às vezes, as recompensas são extravagantes:

- Fazer un piquenique comigo (Madeline) mun campo coberto de pólen, com papoulas, lírios e uma imensidão de cravos, sob um céu de verão totalmente azul.
- Tomar chá comigo (Madeline) mun farol no meio do oceano Atlântico bem no olho de um furação.
- Fazer snorkel comigo (Madeline) na ilha Molokini para procurar o humuhumunukunukuapua'a, peixe símbolo do Havaí.



Outras vezes, não são tão irreais:

- Ir comigo (Madeline) a um sebo.
- · Dar uma volta comigo (Madeline) pelo quarteirão.
- Conversar un pouco comigo (Madeline) sobre o assunto que você quiser, no meu sofá branco, no meu quarto branco.

E, às vezes, a recompensa é simplesmente:

• Eu (Madeline).

## A PRISÃO DA IDCG

A DOENÇA QUE EU TENHO é rara e famosa. É uma forma de imunodeficiência combinada grave, mas você deve conhecê-la como "doença do bebê que vive na bolha".

Basicamente, sou alérgica ao mundo. Qualquer coisa pode provocar uma crise. Pode ser um produto químico no desinfetante usado para limpar a mesa que eu acabei de tocar. Pode ser um perfume. Pode ser um tempero exótico na comida que acabei de comer. Pode ser uma dessas coisas, todas elas, nenhuma delas, ou algo completamente diferente. Ninguém sabe o que causa as crises, mas todos conhecem suas consequências. Segundo minha mãe, eu quase morri quando era bebê. Por isso, vivo na prisão da IDCG. Não saio de casa. Não saí uma vez sequer em dezessete anos. PRONTUÁRIO MÉDICO DIÁRIO

Madeline Whittier

NOME DO PACIENTE

2 de maio

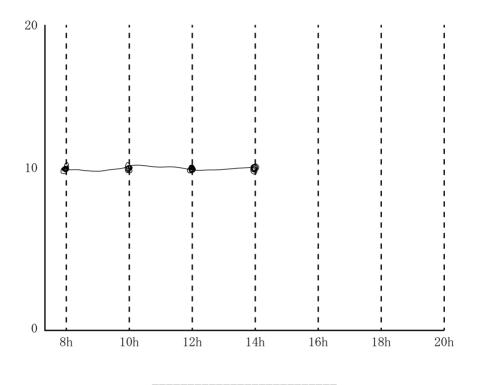
DATA

Dra Pauline Whittier

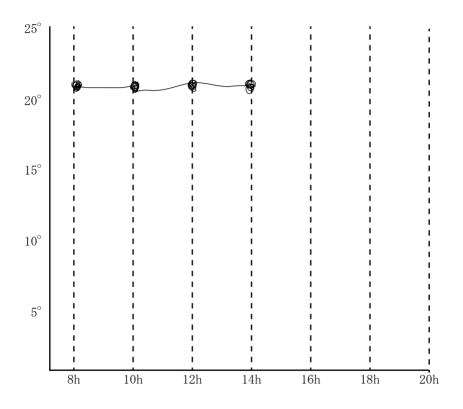
RESPONSÁVEL

0002921

#### RESPIRAÇÕES POR MINUTO



#### TEMPERATURA DO QUARTO



#### CONTROLE DO FILTRO DE AR

8h	ØK
9h	OK
10h	OK
11h	OX
12h	OK
13h	04
14h	OK
15h	
16h	
17h	
18h	
19h	
20h	

## O QUE EU QUERO DE ANIVERSÁRIO

- NOITE DE FILMES, Imagem & Ação ou clube do livro? - pergunta minha mãe enquanto prende a braçadeira do aparelho de pressão no meu braço.

Nem citou sua atividade preferida entre as que fazemos depois do jantar: palavras cruzadas fonéticas. Levanto a cabeça e vejo que os olhos dela já estão rindo para mim.

- Palavras cruzadas fonéticas - respondo.

Ela para de inflar a braçadeira. Geralmente, quem estaria verificando minha pressão e preenchendo o prontuário seria minha enfermeira em tempo integral, Carla, mas hoje minha mãe deu a ela um dia de folga. É meu aniversário, e sempre passamos o dia juntas, só nós duas.

Minha mãe pega o estetoscópio para ouvir meus batimentos cardíacos. O sorriso desaparece e dá lugar a seu rosto mais compenetrado, de médica. É esse o rosto que seus pacientes mais veem: levemente distante, profissional e concentrado. Será que eles acham que essa é uma expressão tranquilizadora?

Num impulso, dou um beijo em sua testa para lembrá-la de que sou eu, sua paciente favorita, sua filha.

Ela abre os olhos, sorri e faz um carinho no meu rosto. Se é para nascer com uma doença que exige cuidados constantes, é melhor que sua médica seja sua própria mãe.

Segundos depois, ela me olha com aquela cara de "sou a médica aqui, e infelizmente tenho más notícias para lhe dar".

- Hoje é o seu dia. Por que não escolhemos um jogo no qual você tenha chance de ganhar?

Como não é possível jogar Imagem & Ação só com duas pessoas, inventamos umas adaptações. Uma pessoa desenha e a outra precisa fazer um esforço honesto para adivinhar o que é. Se acertar, quem desenhou ganha um ponto. Encaro minha mãe com os olhos semicerrados.

Vamos jogar palavras cruzadas fonéticas, e, desta vez, eu vou ganhar
afirmo, confiante, embora não exista a menor chance de isso acontecer.

Jogamos há anos, e eu nunca consegui derrotá-la. Da última vez, cheguei perto, mas na última rodada ela escreveu uma palavra com letras de valor alto que ainda teve pontuação tripla.

– Está bem – concorda ela, balançando a cabeça para fingir que está com pena de mim. – Você é quem manda.

Então, fecha os olhos sorridentes e se concentra no estetoscópio.

Passamos o resto da manhã preparando meu tradicional bolo de aniversário, com recheio de creme de baunilha e cobertura também de baunilha. Depois que o bolo esfria, espalho uma camada bem fina de creme por cima. Nós duas adoramos a massa, mas não somos muito fãs de cobertura. Para enfeitá-lo, desenho em cima dezoito margaridas com pétalas e miolo brancos, depois começo a revestir as laterais com o que lembra uma cortina branca.

- Perfeito - elogia minha mãe, espiando o resultado por cima do meu ombro. - Ficou a sua cara.

Viro a cabeça e vejo que ela tem um sorriso largo e orgulhoso no rosto, mas que seus olhos estão marejados.

– Como. Você. É. Dramática – digo, aplicando um pouquinho de cobertura no nariz dela, o que a faz rir e chorar mais um pouco.

Sério, minha mãe não costuma ser tão emotiva, mas no meu aniversário sempre fica chorosa e alegre ao mesmo tempo. E, se ela fica chorosa e alegre, eu também fico.

- Eu sei - concorda ela, jogando as mãos para o alto como se não fosse capaz de controlar esse tipo de reação. - Sou patética.

Então ela me puxa e me dá um abraço apertado. O creme gruda no meu cabelo.

Meu aniversário é o dia do ano em que nós duas temos mais consciência da minha doença. É a percepção de que o tempo está passando que provoca isso. Mais um ano inteiro doente, sem qualquer esperança de cura à vista. Mais um ano sem viver todas as coisas normais de uma adolescente: tirar carteira de motorista, dar o primeiro beijo, participar da festa de formatura, sofrer a primeira dor de cotovelo, fazer a primeira barbeiragem com o carro. Mais um ano em que minha mãe não faz outra coisa além de trabalhar e cuidar de mim. Em qualquer outro dia, é fácil esquecer esses detalhes – ou pelo menos é mais fácil do que hoje.

Este ano está sendo um pouco mais difícil que o ano passado. Talvez por eu estar completando 18 anos. Tecnicamente, agora sou uma adulta. Deveria estar saindo de casa, indo para a faculdade. Minha mãe deveria estar com medo da síndrome do ninho vazio. Mas, por causa da IDCG, não vou a lugar nenhum.

Mais tarde, depois do jantar, ela me presenteia com um lindo conjunto de lápis de cor aquareláveis que estava na minha lista de desejos havia meses. Vamos para a sala de estar e nos sentamos frente a frente, diante da mesinha de centro, com as pernas cruzadas. Isso também faz parte do nosso ritual de aniversário: ela acende uma única vela no meio do bolo. Fecho os olhos, faço um pedido e assopro.

- O que você pediu? - pergunta ela assim que abro os olhos.

Só existe uma coisa que eu possa desejar: uma cura milagrosa que me permita correr lá fora, livre como um animal selvagem. Mas nunca peço isso, porque é impossível. É como pedir que sereias, dragões e unicórnios existam de verdade. Então, peço alguma coisa mais provável do que a cura. Alguma coisa que não nos deixe tristes ao ser dita.

– A paz mundial – respondo.

Três fatias de bolo depois, começamos a jogar. Não ganho. Na verdade, perco de lavada.

Usando todas as sete letras, ela escreve POCALIP antes de um S.

- O que é isso? - pergunto.

- Apocalipse - responde ela com um olhar travesso.

- Ah, não, mãe. Sem chance. Essa não dá para passar.

– Dá, sim – limita-se a dizer.

Mãe, você precisa de um A e um E. Não tem como.

– Pocalips – diz ela em tom solene, apontando para as letras. – Não tem problema nenhum.

Balanço a cabeça.

– P-O-C-A-L-I-P-S – insiste ela, pronunciando cada letra bem devagar.

 Ah, meu Deus, você não desiste! – exclamo, abrindo os braços. – Tudo bem, tudo bem. Vou deixar passar.

- Yessss! - Ela comemora, dando um soco no ar, depois anota uma quantidade de pontos que não tenho a menor chance de ultrapassar. - Você nunca entendeu esse jogo direito - acrescenta. - É um jogo de persuasão.

Corto mais uma fatia do bolo.

- Isso não é persuasão - digo. - É trapaça.

– Dá no mesmo – retruca ela, e começamos a rir. – Amanhã você pode ganhar de mim no Imagem & Ação.

Depois da minha derrota, vamos para o sofá ver nosso filme favorito: *O jovem Frankenstein*, outra parte do nosso ritual de aniversário. Deito a cabeça no colo da minha mãe. Ela fica fazendo carinho no meu cabelo e rimos das mesmas piadas que nos fazem rir há anos. Pensando bem, não é um jeito ruim de comemorar o aniversário de 18 anos.

## TUDO NA MESMA

NA MANHÃ SEGUINTE, estou lendo no meu sofá branco quando Carla chega.

- Feliz cumpleaños - diz ela, toda animada.

Abaixo o livro.

- Gracias.

- Como foi de aniversário? - pergunta Carla, começando a tirar as coisas de sua maleta médica.

- Foi divertido.

- Bolo de baunilha com cobertura de baunilha?

- Claro.

- O jovem Frankenstein?

- Exatamente.

- E você perdeu naquele jogo?

- Somos bem previsíveis, não é?

 – Que nada – responde ela, rindo. – Só estou com inveja do carinho que você e sua mãe têm uma pela outra.

Ela pega meu prontuário do dia anterior, dá uma olhada rápida nas anotações da minha mãe e põe uma folha nova na prancheta.

- Rosa quase não fala comigo ultimamente.

Rosa é filha de Carla. Tem 17 anos. Segundo Carla, as duas eram muito unidas até os hormônios e os garotos se tornarem prioridade para Rosa. Não consigo imaginar algo assim acontecendo entre mim e minha mãe.

Carla se senta ao meu lado no sofá e estende meu braço para pôr a braçadeira do aparelho de pressão. Olha para meu livro.

- *Flores para Algernon* de novo? Mas não é esse livro que sempre faz você chorar?

- Um dia eu não vou chorar. E quero estar lendo ele quando isso acontecer.

Ela revira os olhos e pega minha mão.

*Claro* que a minha resposta foi meio insolente, mas me pergunto se não seria verdade.

Talvez eu esteja mantendo a esperança de que um dia, algum dia, as coisas mudem.

## A VIDA É BREVE®

RESENHA COM SPOILERS, POR MADELINE

*FLORES PARA ALGERNON*, DE DANIEL KEYES *Alerta de spoiler:* Algernon é um camundongo. O camundongo morre.

## INVASÃO ALIENÍGENA - PARTE 2

ESTOU CHEGANDO NA PARTE em que Charlie percebe que seu destino pode ser igual ao do camundongo quando ouço um estrondo lá fora. De imediato, penso no espaço sideral. Imagino uma nave-mãe enorme pairando no céu.

A casa toda treme e meus livros vibram nas estantes. Um bipe incessante se soma ao estrondo, e descubro do que se trata. Um caminhão. Provavelmente está apenas perdido, digo a mim mesma, tentando espantar a decepção. Deve ter entrado na rua errada enquanto seguia para outro lugar.

Mas de repente o motor é desligado. Portas se abrem e se fecham. Um instante se passa, depois outro. Por fim, uma voz feminina exclama:

- Bem-vindos à nossa nova casa, gente!

Carla me olha fixo por alguns segundos. Sei o que ela está pensando. Está acontecendo de novo.

## DIÁRIO DE MADELINE

5 de agosto

A família que morava na casa ao lado se mudou. O menino chorou. Ele se escondeu no quintal e ficou comendo terra até a mãe encontrá-lo. Mas ela não gritou com ele, como costuma fazer. Agora tudo está em silêncio lá fora. Ontem à noite, sonhei que, na verdade, eles não tinham se mudado, mas sido sequestrados por alienígenas. Os extraterrestres não me levaram porque eu sou doente, e eles só queriam gente saudável. Levaram minha mãe, Carla e os vizinhos do lado. Me deixaram sozinha. Acordei chorando. Minha mãe apareceu e ficou na cama comigo. Não contei o que tinha sonhado para ela não ficar triste, mas contei para Carla, que me deu um abraço.

#### INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores da EDITORA ARQUEIRO, visite o site www.editoraarqueiro.com.br e curta as nossas redes sociais. Além de informações sobre os próximos lançamentos, você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail, basta se cadastrar diretamente no nosso site ou enviar uma mensagem para atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro Rua Funchal, 538 - conjuntos 52 e 54 - Vila Olímpia 04551-060 - São Paulo - SP Tel.: (11) 3868-4492 - Fax: (11) 3862-5818 E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br